



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

20 DE AGOSTO
PALÁCIO DA REDENÇÃO
JOÃO PESSOA-PB
DISCURSO DURANTE O ENCONTRO
COM AS LIDERANÇAS POLÍTICAS DO
ESTADO

Senhor Governador do Estado da Paraíba, Bezerra
Cavalcanti,
Senhores Ministros de Estado,
Meus Senhores:

Eu desejo iniciar, agradecendo as palavras que acabo de ouvir do Governador Bezerra Cavalcanti, fazendo uma referência aos meus Ministros de Estado e agradecendo, em nome da Paraíba, o esforço que eles têm feito em prol do progresso do Estado. Agradeço, sinceramente, esse reconhecimento aos meus auxiliares. E ao fazê-lo, quero destacar o dia de hoje, em que o nosso Ministro Andreazza completa mais um ano de trabalho, de dedicação, de esforço, de lealdade e de amizade a mim e, principalmente, mais um ano de eficiência. Eficiência comprovada em vários dos setores de atividade e, principalmente, eficiência como amigo.

Devo agradecer também ao Senhor Governador a gentileza de dar ao conjunto habitacional o nome de minha veneranda mãe.

Paulista, campineira e que pelo nome de batismo, tinha que ser ela a domadora do meu velho Euclides; e talvez, numa homenagem à sua atuação junto ao meu pai, fazendo no seu dia-a-dia jus ao seu nome de batismo Valentina. Talvez tenha sido só por isso, Senhor Governador, que a Paraíba pequenina «mulher-macho, sim senhor», tenha querido homenagear a minha querida Valentina.

Desejo, mais uma vez, também pedir aos Senhores para que sejam portadores do meu agradecimento ao povo da Paraíba, pela carinhosa recepção que a mim e aos meus auxiliares deram, recepção que foi muito além daquilo que nós, nesses três anos de governo, pudemos oferecer a essa valorosa gente.

E agradecer ainda, ao Senhor Governador, a oportunidade deste encontro com os Senhores, para dizer, aqui, o que tenho dito em outros Estados, a respeito da campanha política que já iniciamos e que, a despeito do que se lê e do que se ouve em alguns órgãos de comunicação, eu não tenho dúvida que o povo, que sabe compreender com quem está a razão, estará com o nosso Partido.

Por mais rude, por mais que seja fervorosa a campanha da Oposição contra nós, não farei ao povo a injustiça da falta de bom-senso ou da falta de razão, para discernir entre o que é bom e o que é mau para a Paraíba; entre o que é bom e o que é mau para o Brasil. Eu não duvido da gratidão do povo desta terra.

Sei que os termos da campanha podem ser feitos de maneira mais violenta. Não culpo nem a nós, nem aos nossos opositores, mas sei que a campanha pode se tornar radical. O paraibano, em princípio, é veemente nas suas convicções e sabe repelir os agravos, na hora e com o diapasão adequado.

Peço aos Senhores, entretanto, que procurem conduzir a campanha em termos altos. Que saibamos falar ao povo a verdade, só a verdade, por mais dura que ela seja, inclusive para nós mesmos do Governo, mas que saibamos dizê-la em termos veementes e corteses. Porque eu não aceito descortesia com palavras. Eu nunca fui descortês com ninguém. Quando tive que perder a razão, eu a perdi totalmente, não com palavras, e campanha política se faz é com palavras, é com argumentos.

Sei que é prudente tentar convencer os menos avisados de que os males que afligem a Nação não são culpas totalmente do Governo, não podemos chegar ao povo e dizer que o Governo não errou. Eu mesmo reconheço que tenho errado em alguma decisões. Mas não venham inculpar ao Governo, aquelas dificuldades, aqueles obstáculos que levam ao povo um dia-a-dia sofrido pelo custo-de-vida, pela inflação. Porque os Senhores têm argumentos suficientes para mostrar, para discutir, para persuadir a nossa gente, de que não está, em mim, obrigar o americano a importar mais os nossos produtos; obrigar o estrangeiro a não baixar o preço dos nossos produtos ou não taxá-los para impedir que os exportemos; obrigar o Oriente Médio a baixar o preço do petróleo, que, em três anos do meu Governo, subiu de 13 dólares para 34 dólares; obrigar o americano a consumir mais café brasileiro e a um preço mais compensador para o produtor.

Enfim, eu sei que será difícil convencer o eleitorado sobre certos aspectos. E essa é a única força que a Oposição dispõe. O maior eleitor da Oposição, no momento, é o custo-de-vida e a inflação. Mas apesar dela, da inflação, apesar dele, do custo-de-vida, apesar de sabermos da sobrecarga que isto traz ao Governo num ano de eleição, o Governo vai persistir, enquanto eu for Presiden-

te, na determinação obstinada de obter a normalização democrática do nosso País, por mais votos que isso possa tirar do nosso Partido.

Mais vale uma democracia implantada, mesmo à custa de uma derrota ou de uma vitória apertada, do que o perigo do caos, do que o perigo de uma volta ao passado.

Ao povo caberá julgar das nossas razões, Já tivemos oportunidade de ir às Oposições, em muitas ocasiões. O projeto que a Oposição, de então — o MDB —, apresentou. não permitia a volta dos principais líderes exilados. E eu, já no começo do Governo Geisel, dizia para o Ministro Armando Falcão e para o Ministro Geisel, que lugar de brasileiro é no Brasil. Que o projeto de anistia, apresentado pelo partido do Governo, permitiu a volta de todos e, mais ainda, permitiu que se candidatassem a todos os postos. Restituiu a liberdade de imprensa, a ponto de eles mesmos dizerem o que pensam e alguns — esses alguns, eu tenho a certeza dizerem o que não pensam. Porque muitos escrevem — isso é verdade — artigos nos jornais e me escrevem cartas desmentindo aquilo que escreveram e dizendo que é para fins eleitorais.

Não acreditaram na anistia, como não acreditaram na liberdade de imprensa. E até acharam graça, quando eu anunciei a eleição direta para os governadores de Estado.

Mas comprovada a eleição direta para os governadores de Estado passaram a duvidar das eleições. Passaram a dizer que o Governo enganava o povo e que iria criar dificuldades nas Forças Armadas para que as eleições não se realizassem. E justiça se faça às nossas Forças Armadas: ninguém mais do que elas, através dos seus comandantes, dos seus chefes, dos meus amigos, mais questão de aproveitar a oportunidade para mostrar

ao povo, que esta era a revolução que nós quisemos fazer em 1964: a normalização democrática do País.

Como já não tem mais nada o que dizer, na parte política, apelam apenas, agora, para a possibilidade das eleições serem fraudadas. E após a nossa vitória, o que dirão? Dirão, talvez, que eu sou um Presidente ilegítimo, porque não fui eleito diretamente pelo povo. Como se a eleição indireta, em vários países tidos por eles mesmos como exemplos de democracia, não fosse legítima. É como se legítimo não fosse o seu candidato, se tivesse sido ele eleito em meu lugar. O simples fato de terem apresentado os candidatos ao Governo Federal e aos governos estaduais, pelo processo indireto, é de que eles reconheciam a legitimidade desse tipo de eleição. Só não reconhecem quando são derrotados.

Eu tenho confiança nos Senhores, nas lideranças do Estado, na conversa, na oportunidade que terão nesses três meses ou nesses quase três meses, para argumentar junto ao eleitorado. Tenho confiança na experiência de cada um, para saber como abordar cada assunto. E tenho mais confiança em que o povo saberá discernir e saberá votar de acordo com a sua consciência, de maneira que cada eleitor possa ir para casa, após o voto e dormir com a consciência tranquila, porque votou para o bem da sua Pátria.

Muito obrigado aos Senhores.